



Publicações Periódicas
 Pode abrir-se por subscrição postal. A subscrição a circular fechada DE21302022CSB2B/jan



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

11 de Janeiro de 2025 • Ano LXXXI • N.º 2109
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo **OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES** **Director:** Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

PÃO DE VIDA

85 Anos [1940-2025]

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo – Coimbra

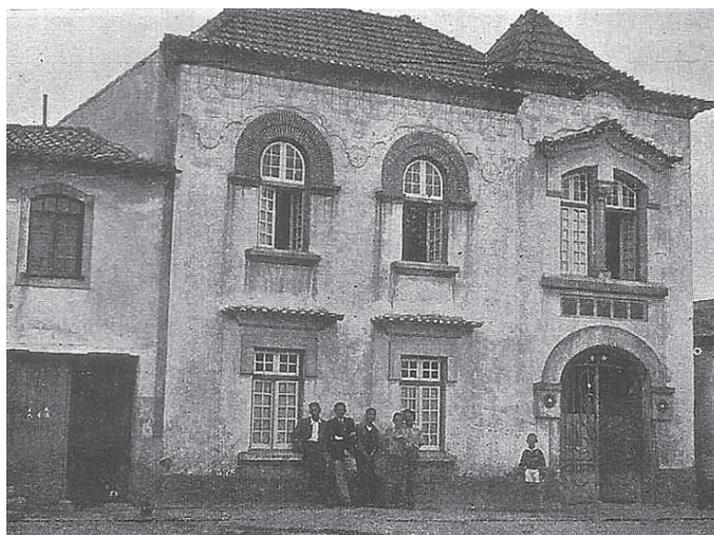
«Quis transplantar o pequeno habitante do Tugúrio em terreno adequado, tendo o cuidado de sacudir o torrão na soleira da porta! Quis e fez. O amor é mais forte do que a morte. Comprei [3.10.1939] uma quinta para eles. Chama-se a Casa de Repouso do Gaiato Pobre».
 P. Américo! – *Obra da Rua*, Coimbra, 1942, p. 41.

A *Obra da Rua* celebra no dia sete de Janeiro, deste ano da graça de 2025, o 85.º aniversário da fundação da sua primeira *Casa do Gaiato*, em Miranda do Corvo, na Diocese de Coimbra, por Padre Américo, conforme escreveu: «A Casa do Gaiato já está habitada; os primeiros ocupantes deram entrada no dia 7 de Janeiro [de 1940], chuva a potes.» [*Pão dos Pobres*, II, Coimbra, 1942, p. 87]. Era dia litúrgico do *Santíssimo Nome de Jesus*, ficando a *Obra da Rua* assim consagrada. Justificam-se bem, nesta data festiva, algumas notas históricas dos primórdios desta já longa vida, sendo *Obra da Igreja*, conforme vontade do Fundador [*idem*, p. 247]. O *grão de mostarda* foi germinando e crescendo até se tornar uma árvore frondosa, onde muitos Pobres foram encontrando e encontram abrigo e ajuda, embora alguns ramos tenham deixado a seiva original.

Tendo [re] encontrado o *Caminho da Luz* em 1923 e ordenado Presbítero em 1929, em Coimbra, o serviço do Padre Américo aos Pobres, das ruas aos tugúrios, foi um itinerário cristão na Igreja de perseverança e evangelização para levantar os miseráveis, consolar os frágeis e despertar os adormecidos. Ao ser chamado por Deus e enviado pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, para tratar dos Pobres – doentes, famintos, reclusos, garotos da rua... – os seus cuidados foram centrados em algumas urgências sociais, como a fome, as doenças e a marginalidade, dando corpo e alma a algumas respostas sociais, v.g.: *Sopa dos Pobres* [1932]; *Colónias de Férias do Garoto da Baixa*, em S. Pedro de Alva e Vila Nova do Ceira [1935-1939] - há 90 anos! E, ainda, Assistente religioso do *Refúgio da Tutoria Central da Infância de Coimbra* [1938]...

Padre Américo foi um pioneiro das *Colónias de Campo* para rapazes pobres, contando com a colaboração de estudantes do Seminário e da Universidade, mas confessou: «O garoto ateima que eu seja mãe e chama-me para tudo.» [*Obra da Rua*, p.38]. Não se ficou por aqui, em turnos de férias junto aos Rios Alva e Ceira, mas arriscou e empreendeu uma *Obra* nova: «Não! Arrumar, fechar, ir embora – estas palavras tinham de ser riscadas, e em lugar delas, armar tendas no campo, como Pedro quis fazer outrora no Tabor; pois que os pequeninos também gritavam à uma – é bom ficarmos aqui!» [*idem*, p.39]. Quando a II Guerra dilacerava o mundo, à sua maneira, o Padre Américo deu um sinal contrário e positivo ao movimento migratório do campo para a cidade, onde se encontravam periferias urbanas de populações que padeciam de condições mínimas de habitação, higiene e sanitárias, com outras misérias [v.g., na *Conchada – Coimbra*]: «O nível de vida da gente que mora nos aglomerados pobres, terra natal do ardina, mede graus abaixo de zero; e gela, no que diz respeito a costumes» [*idem*, p. 40].

De notar que, entre muitos momentos de proximidade aos Pobres, houve um encontro decisivo para o nascimento da Casa do Gaiato, quando um garoto pobre não o deixou descansar: «A Casa de Repouso do Gaiato Pobre nasceu em uma destas tardes do Outubro [1939] chuvoso, à luz de um candeeiro de petróleo, dentro de um cubículo da Baixa [de Coimbra] com traseiras para um saguão. O miúdo tinha deixado ontem a loja de onde



DA NOSSA VIDA

85 anos

SEMPRE que entra um novo ano o nosso olhar volta-se para Miranda do Corvo, onde Pai Américo edificou a primeira Casa do Gaiato, corria o ano de 1940 e o dia 7 de Janeiro. São portanto 85 os anos que esta nossa Casa conta a partir de agora.

Esta, como as outras nossas Casas em Portugal, encontraram sérias dificuldades na fase da sua implantação, atritos e ameaças que Pai Américo teve que sustentar e sofrer.

Hoje as dificuldades são outras, mas não deixam de ser contrariedades. O simples facto de termos camas vazias nas nossas Casas, significa que temos possibilidade de acolher mais crianças do que as que temos. Esta situação causa-nos algum desgosto, pelo menos embacia o nosso olhar com um sentimento desagradável. E ele há tantas a perderem a sua infância e juventude nas ruas ou nos campos de refugiados! Dá pena. Mas, a juntar a isso, não podemos deixar de antecipar o reverso da medalha: Que serão estas crianças e jovens no futuro, quando forem adul-

tos? Penso que a resposta a esta questão está na ponta da língua de todos, tão fácil é prever o seu futuro: Hoje desprezadas amanhã revoltadas.

Esta era uma das bandeiras de Pai Américo: «Uma tese: é mais barato prevenir crimes do que suportar criminosos. Eis os felizes habitantes da Casa do Gaiato hoje colocados naquilo que é seu, a colher os saudáveis frutos de uma vida que jamais conheceram. Vindos de terras de

ninguém, em uma obra social cujo pensamento dominante é o bem espiritual dos seus filhos.

Não serão amanhã os nossos inimigos, porquanto a tempo os fomos libertar da maior escola de perversão que há no mundo: a rua. Eles eram da rua. Menos afluência ao banco dos réus, mais portugueses de lei num Portugal melhor.

Métodos?: Amar. Como é que eles se prendem numa Casa sem prisões?! – Pelo amor. De que modo se erguem? – Sentindo-se amados. E que fazer dos mais difíceis, dos mais repelentes, dos mais viciados? – Amá-los mais, amá-los até ao fim. Basta-lhes a desgraça de o serem. Assim amou o Mestre. Assim ensina o Evangelho».

Hoje, como ontem, os perigos e as consequências são as mesmas. Salvar vidas, é obrigação de todo o cristão e dever de todos os que desejam viver numa sociedade pacífica, justa e harmoniosa, onde mais que a sua segurança, nestes dias tão badalada, se procure salvar vidas inocentes, contribuindo para que se tornem pessoas íntegras e integradas no ambiente social que é de todos e para todos.

Padre Júlio

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Esclarecimento

A todos os Amigos e Leitores informamos que a conta bancária na Caixa Geral de Depósitos que o falecido Padre Acílio usava para sua maior comodidade, para efectuar os movimentos bancários dos donativos que recebia e das ajudas que dava, foi encerrada, pelo que não será conveniente fazer qualquer depósito nesta conta, o que, a ser feito, trará despesas ao depositante, pelo que pedimos toda a atenção para este esclarecimento. A conta é a seguinte:

IBAN: PT50 0035 0465 0001 8975 8009 5
NIB: 0035 0465 0001 8975 8009 5 (ENCERRADA)

Informamos ainda que o saldo existente na mesma conta à data do seu encerramento foi transferido para a conta já existente no banco Crédito Agrícola, cuja identificação é a seguinte:

IBAN: PT50 0045 3440 4021 8356 4277 8
NIN: 0045 3440 4021 8356 4277 8 (EM VIGOR)

Agradecemos à família do Sr. Padre Acílio a atenção dispensada e a todos o cuidado para com este esclarecimento.

A Direcção da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

QUEM IRÁ CUIDAR DE MIM? — Há dias, uma amiga minha que é da Índia pediu-me para fazer parte do júri de um concurso que a universidade onde dá aulas organizou em conjunto com universidades de vários continentes. Para concorrer os alunos deviam apresentar o projeto de uma iniciativa na área do cuidado das pessoas idosas.

A escolha deste tema mostra que ele é relevante por esse mundo fora, mas, se há sítio onde essa relevância é maior, é neste país onde vivemos. Portugal combina duas situações que fazem com que estejamos numa das piores situações a este respeito: já há várias décadas e nas que temos pela frente somos dos países onde o processo de envelhecimento da população é mais rápido, ao mesmo tempo que somos dos países onde há menos equipamentos e serviços de cuidado das pessoas idosas.

Quanto à tendência de envelhecimento da população, não se prevê que se vá inverter até, pelo menos, 2050. Também não está à vista nenhum investimento em grande escala para aumentar e melhorar as respostas sociais e das famílias no cuidado das pessoas idosas.

O que está à vista é tudo ao contrário do que deveria ser. A nível político e em sectores da população cada vez maiores, incluindo nas gerações mais jovens, o que se vê ganhar terreno são posições que só agravam o processo de envelhecimento da população como é o caso em matéria de imigração.

O que tem estado a acontecer e vai continuar a acontecer em matéria de organização das famílias e das actividades económicas vai ao contrário do que seria preciso para que as famílias possam assumir um papel importante no cuidado dos seus idosos.

No que toca à oferta de equipamentos e serviços neste domínio, tem havido algum aumento para quem tenha dinheiro para pagar por eles, mas as dificuldades são cada vez maiores para as organizações cuja missão é cuidar preferencialmente das pessoas que não têm essa capacidade económica.

Nos festejos de Ano Novo, com os seus habituais votos de Paz, Amor e Saúde, é fácil esquecer que este novo ano será, para todos nós, sem excepção, mais um a caminho do fim das nossas vidas neste mundo e, por isso, mais um onde se vai colocar, com mais força, a todos os nós, qualquer que seja a nossa idade, a pergunta “Quem vai cuidar de nós?”.

Desejamos aos nossos leitores que disso precisarem que tenham quem cuide bem de vós, e aos que não precisarem, mas estiverem a cuidar de alguém, a força física e espiritual para que possam desempenhar esta tão necessária missão.

Os nossos contactos (*só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal*)

Conferência Vicentina de Paço de Sousa
A/C Jornal “O Gaiato”
Largo da Casa do Gaiato, 94
4560-378 Paço de Sousa
Telem. 965464058
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

TREPADEIRAS — Os nossos mais velhos andaram a limpar o muro e as redes protectoras dos nossos campos de jogos, que estavam a ficar exageradamente invadidos por eras trepadeiras. Enraizam nos intervalos entre as pedras dos muros e tornam-se quase árvores. Depois trepam pelas redes protectoras que delimitam os campos, que estão lá para que as bolas não vão para fora. Ficou um trabalho impecável que não é fácil de fazer.

GATOS — O nosso Leitão assumiu, por sua livre iniciativa, o cuidado de dar de comer aos nossos gatos, que têm a sua morada em três locais distintos da nossa Aldeia. Os gatos já o conhecem, mas havia uma gata siamesa que era especial. Para tristeza do Leitão a gata desapareceu, desconhecendo-se o seu paradeiro. Talvez por ser mais bonita que os restantes gatos, alguém a terá levado. Apesar disso, o Leitão mantém-se fiel à sua iniciativa.

ANO NOVO — Mais um ano novo a começar e os nossos Rapazes a retomarem as suas actividades. Todos anseiam por terem mais irmãos nas nossas Casas, tal como acontece nas outras famílias. Eles precisam uns dos outros para as brincadeiras e jogos de equipa. Esperamos que isso se venha a concretizar neste ano de 2025. Bom ano para todos os nossos leitores, assinantes e amigos.

Repórter X

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

NATAL 2024 E ANO NOVO 2025 — Neste tempo tão feliz para os cristãos, da festa do nascimento do Menino Jesus, também na nossa Família, evidentemente que foram celebradas as Missas próprias: noite de Natal, dia de Natal do Senhor, da Sagrada Família e de Santa Maria Mãe de Deus (1 de Janeiro). As ceias de Natal e de ano novo foram tradicionais, com bacalhau (que agradecemos), batatas e as nossas couves. Vieram trazer-nos doces variados e prendas, pelas mãos de amigos que se lembraram de nós. Muito obrigado! O nosso Padre Manuel, mais tarde, ainda se deslocou a Coimbra para outra Missa da noite de Natal, presidida pelo sr. Bispo, D. Virgílio, para se encontrar com os timorenses do nosso Lar do Gaiato. Nestes dias, a maioria dos Rapazes foi visitar e estar com alguns parentes, principalmente na Área Metropolitana de Lisboa. Foi possível verificar condições familiares e de alojamento. Que venham dispostos a dar o seu melhor!

ABERTURA DO JUBILEU DA ESPERANÇA — No dia 29 de Dezembro, Domingo, pelas 15 horas, teve início no Seminário Maior de Coimbra uma peregrinação diocesana até à igreja Catedral — Sé Nova de Coimbra, onde foi celebrada a Eucaristia da Sagrada Família de Jesus, Maria e José, presidida pelo sr. Bispo de Coimbra — com muitos fiéis das diversas Unidades Pastorais,

sacerdotes, diáconos, seminaristas — tendo participado também o nosso Padre Manuel. Com o lema deste *Ano Santo* — ‘*Peregrinos da Esperança*’ — quem dera que a realidade seja melhor, surgindo principalmente a paz no mundo!

85 ANOS DA NOSSA CASA DO GAIATO — A nossa Casa do Gaiato — a primeira da nossa Obra — vai celebrar no dia 7 de Janeiro de 2025, com uma Eucaristia, o 85.º aniversário da sua fundação, pelo nosso Pai Américo, pois nesse dia de muita chuva e festa do Santíssimo Nome de Jesus, na *casa-mãe* da Quinta de S. Braz, foram acolhidos os três primeiros Rapazes pobres — vindos de Coimbra. É um dia muito importante para a nossa Obra da Rua, depois de cinco anos de *Colónias de Férias* [1935-1939], em S. Pedro de Alva e Vila Nova do Ceira. Lembramos todos os Rapazes, Padres, Senhoras, colaboradores, Amigos e Amigas ligados à nossa Casa do Gaiato, da qual Pai Américo tanto gostava!

ESCOLAS — O dia 20 de Dezembro foi o último dia de aulas, antes das férias de Natal, na Escola Secundária de Miranda do Corvo. À noite, no Pavilhão gimnodesportivo, foi a Festa de Natal dos alunos da Escola Básica do 1.º ciclo da Vila, pelo que o Banora, no 4.º ano, também participou. A *Associação Maense em Portugal* voltou a solicitar alojamento para mais dois Ra-

pazes, Fábio e Igor, de Cabo Verde, que irão frequentar o curso profissional de Desporto. Sejam bem-vindos! A 6 de Janeiro, recomeçam as aulas, de forma que desejamos o melhor para a malta nos estudos, com respeito humano, atenção nas aulas e esforço intelectual.

ARRANJOS — Todos os dias vai havendo coisas para arranjar, por avarias ou reutilizando materiais usados, colocando-os em alguns sítios da nossa Casa. Assim, podem referir-se: foi arranjada uma secretária para o quarto do Marcelino; a máquina de lavar, consertada, foi posta a trabalhar na lavandaria; num quarto no edifício do ‘lar’, a nascente, foram colocadas quatro camas, mais mesinhas e candeeiros; foram arranjados dois armários para arquivar pastas da contabilidade; foi posta uma torneira nova na cozinha; o motor da piscina foi consertado; noutra quarto do ‘lar’, foram montadas duas camas e colocados candeeiros e uma mesinha.

PARTILHAS E CONTACTOS — Nos dias próximos do Natal e Ano Novo, fomos recebendo bens alimentares e donativos, que muito agradecemos. Bem-hajam amigos e amigas! Saúde, paz e bem em 2025! Morada e contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato, Largo de S. Brás — N.º15, 3220-034 Miranda do Corvo — Coimbra; telefone: 239 532 125; correio electrónico: gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

BEIRE — Flash’s

De Bruçó (1925) a Beire (2025)...

1. ... *Ninguém sabe pró que nasce...* Gosto de recordar os meus “caminhos já andados”. Sobretudo quando eles me fazem luz para abrir novos “caminhos não andados” — que, por ventura, ainda terei de trilhar... Recordo *litánias* lá de casa — ...ó filho, são os mistérios de Deus; *Olha pr’aquilo...* só lhes falta falar; *Os animais são como nós — só que não têm alma; Até dá gosto olhar os campos — tudo a prometer um ano bom, Deus louvado!...*; Há que ter Fé — *Deus que dá a panela também dá as couves pra ela*... Ou: *“Deus vem com o dia, vem com o remedeio”*...

É a *Véspera de Natal*. Sentado diante do computador, aqui no meu quarto, ouço tudo o que se passa ao lado. Na *salinha de Pe. Telmo* — também nossa *salinha de estar*. São conversas de *Barragistas*¹ que *passam, são sobrinhos e/ou filhos e netos de Pai Telmo*. Vindos de Picote, Cambambe, Casa do Gaiato de Malanje. Porque é Natal, há que vir

saudar aquele que *foi mais que meu pai*; saudar um *amigo de quem não me posso esquecer...*

Sucedem-se as visitas e os telefonemas. Os abraços, os beijos, os olhares — tudo a ressumar a ternura de quem se sente *família*, mesmo que *só de coração...* Traduzindo o que ouço, ‘vejo’ toda a festa dos 100 anos, já em *construção*² do remate final. Porque, no próximo 25 de novembro, data do seu nascimento para o *mundo exterior*, fechamos a celebração dos 100 anos de uma vida que, como qualquer outra, começou 9 meses antes... Porque é aí que toda a vida começa. A ser condicionada — facilitando e/ou inibindo o seu desabrochar. Para, depois, caber a cada um *decidir e redecidir* o rumo que quer dar a essas ‘heranças’ que lhe cabem em sorte. J. P. Sarte via longe: «Nós não somos responsáveis por aquilo que fizeram de nós, mas tornamo-nos responsáveis por aquilo que fizermos daquilo que fizeram de nós»...

Da boca de Pe. Telmo, de viva

voz, ouço *memórias da meninice*. E também as posso ler, sobretudo pela pena do Henrique Manuel, em obras que nos desfiam o desenrolar da vida do *Telminho da Isabelinha* — esse que, mais tarde, se revelou como *O Homem que do Lodo fez Estrelas...*

2. ... *ser “instrumento da Sua Paz”*. Deixo-me encantar pelo que vejo e ouço. Deixo-me ficar quietinho no meu canto de observador e *admirador...* Concluso: realmente, ‘ninguém sabe pró que nasce’. Mas, quando se aprende a conectar-se com a *Sabedoria* que nos vem do alto (artisticamente celebrada em *Santa Sofia* de Istambul!...), pode começar-se a intuí-lo. E penso que terá sido isso que aconteceu com Pe. Telmo. Imagino-me a ouvir a Isabelinha, sua mãe, a responder à vizinhança, quando esta lhe elogiava o *ajuizadinho* que já era o seu menino: — *Que nunca*



PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

fora despedido, por não poder trabalhar; na hora em que eu cheguei, vinha ele do Dispensário com duas caixas de injeções e recado de repousar em casa, alimentando-se bem!

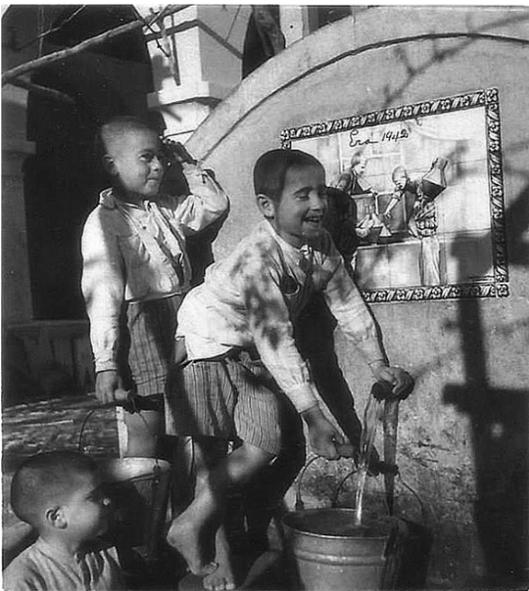
O ambiente do quarto podia-se cortar à faca. No chão há farrapos dispersos e palha arrumada a um canto, onde dormem os irmãos; os Pais têm enxerga.

O pequeno doente é um dos Gaiatos das Colónias. É meu. Pergunta [sic] se ainda falta muito para irmos, e fala da sopa que lá se come e aqui não tem, com apetite e com saudades.

Nasceu assim a Casa de Repouso; lancei aqui a primeira pedra; começou naquela hora o meu fadário! [...] [P. Américo! – *Pão dos Pobres*, II, Coimbra, 1942, p.78].

Decidiu, então, iniciar uma vertente institucional na sua pedagogia social: «Acabaram-se as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda, e de dizer que não, nas colónias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles!» [*Obra da Rua*, p. 43].

Assim, para a recuperação e promoção dos garotos das ruas, o Padre Américo considerou como determinantes, entre outros aspectos: à maneira de Pestalozzi [1746†1827], o *ambiente natural*, no campo: «eu realizei eficazmente os meus desejos, que são justamente os do



o diabo me dê com ele!... Como Maria, a mãe de Jesus, também Pe. Telmo guardava estas coisas em seu coração (Lc 2, 34-35)... A gatinha que o procurava quando ele se refugiava no lameiro, sozinho, a ler, a contemplar, a sonhar, a rezar... A vaca mocha, sem um corno, brava/louca para toda a gente, mas mansinha com o menino da Isabelinha...

Tudo isto aliado a um *dom*³ muito particular que, ao que parece, tem caracterizado Pe. Telmo desde pequenino – uma sensibilidade muito particular ao bem-estar integral do outro. Independentemente da cor da sua pele, condição social, filiação política ou religiosa. Muitas vezes, já aqui no Calvário, ouço dizer que *eu não sou crente, mas Pe. Telmo inspira-me paz, serenidade. Não sei dizer, mas sempre encontrei nele um pai, um amigo capaz de tirar a camisa para a dar a quem dela mais precise...*

No meu gosto de buscar o *de*

onde vivemos e o *para onde vamos*, mesmo sem nenhuma resposta de aceitação universal, desde há muitos anos, dou comigo a *contemplar*⁴ Pe. Telmo no seu jeito de ser si próprio – ser ele mesmo, em suas riquezas e suas pobreza. Condicionado pela sua história pessoal e pelos seus dons de «palavra nova, única e irrepitível», acho que Pe. Telmo, mesmo sem ter muita consciência disso, terá descoberto aquilo que foi o segredo do próprio Jesus – *amar é dar aos outros a Paz que o mundo lhes tira...*

3. Dom que se fez 'um Grande Dom' para... Proposta por Leo Buscaglia como «segredo de toda a felicidade», desde muito cedo, guardei para mim aquela de «pegar no dom da vida que nos é dada e fazer dele um grande dom para toda a comunidade em que estamos inseridos». Do *convívio* com Pe. Telmo, descobri que ele, mesmo sem ter lido

garoto da rua: – dar-lhes pão, sol, largueza, asas. Comprei uma casa para eles – descobri um novo mundo» [*idem*, p. 43-44]; e o *modelo familiar*: «A Obra deve girar nos moldes da família, enquanto o Miúdo lhe não poder ser restituído; e se este a não tiver, há-de sair do Ninho capaz de a constituir, pela prática que teve dela.» [*idem*, p. 47-48]. Surgiu logo uma evolução fonética e semântica, na boca dos pequenos gaiatos: «Em baixo, os três mais pequeninos, por não terem obrigação, colhem papoulas nos campos: – *Pai Meco, olhe!*» [*Pão dos Pobres*, 4.º vol., 1984, p. 24].

*

Como *prenda* especial neste feliz 85.º aniversário da Casa do Gaiato de Coimbra, em Miranda do Corvo, é apresentada uma breve palestra de Pai Américo, proferida no *Emissor Regional do Norte*, em 12/11/[1944]. Foi recolhida de uma cópia autêntica, à nossa mão, transcrevendo o seu conteúdo gravado, como lembrança muito grata e para memória futura. Escutemos bem:

«A nossa Obra nasceu muito pequenina, como é costume das coisas grandes. Foi há cinco anos em Miranda do Corvo, a uns trinta quilómetros de Coimbra, que se instalaram em Casa própria os primeiros cinco vadiozitos.

Hoje, temos três Casas e somos mais de duzentos deles. A nossa especialidade é o Rapaz dos caminhos e das ruas. Muitos que nos batem à porta não sabem identificar-se. Não comeram nunca comida cozinhada ao lume. Vêm totalmente despidos de hábitos humanos. São de terras de ninguém. Passados meses, no gracioso à-vontade das nossas Casas e convívio salutar com os companheiros, começam eles a darem fé do seu valor, a terem estima por si mesmos, a distinguir o bem do mal, a acharem a sua própria consciência.

Todos os trabalhos de Casa – cozinha, refeitório, padaria, limpezas, amanho das terras, gados – tudo isto é obra das suas mãos: *Obra deles, para eles, por eles* – eis a nossa divisa. As vocações intelectuais aproveitam-se. Temos um Rapaz na Universidade de Coimbra, dois em Seminários, alguns em Escolas Secundárias. Eram todos da rua.

Nós somos hoje uma palavra nova que se levanta em Portugal. Que todos os portugueses se levantem também para nos escutarem melhor e ajudarem!».

Padre Manuel Mendes

Leo Buscaglia, sempre tem feito isso por onde a vida o tem levado — na família de sangue e na sua vasta *família de coração* — paróquias por onde passou, barragens que *capelaneou*, Casa do Gaiato de Malanje que fundou e... até o Calvário onde agora é.

Deus louvado porque *o* trouxe e *me* trouxe até aqui!!!

1 — Barragistas – título de um livro de Henrique Pinto, em homenagem a Pe. Telmo e a quantos com ele criaram essa Família do Coração que ainda hoje, sempre que pode por aqui passa...

2 — Ruminando a palavra *construção*, intuo que é «uma *ação* de, em *conjunto*, levantar uma *estrutura*» — que neste caso é uma vida já 'centenar'...

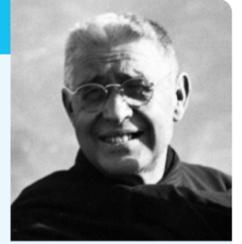
3 — Aquele «dai de graça o que de graça recebestes» sempre chamou a minha atenção. Como um alerta no comando da minha vida – o *doado* é para *doar*...

4 — *In illo tempore*, os templos sempre tinham o seu «santo dos santos», onde só uma vez por ano e só o sacerdote em serviço naquele ano, podia entrar - para *contactar* com Deus...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

DOUTRINA



A verdadeira riqueza da Obra da Rua

De vez em quando temos por costume ir visitar a «Viúva da Nota da Quinzena» a quem entregamos um pequenino reforço. Uma vez que falamos dela, temos igualmente de lembrar aqueles Desconhecidos que no princípio se propuseram e hoje continuam com a sua quota mensal. O que faz a persistência e quão grande não é esta virtude! Todos os meses, e isto há muitos deles, aí vem a devoção de não sabemos quem, dizer que a vida vale a pena e é bela e é copiosa e começa verdadeiramente no Fim!

A pequenina casa aonde ela habita dista da nossa uns vinte quilómetros que o Morris cobre num instante. Duas pontes estão ao nosso serviço: Duarte Pacheco e Abragão. Quase sempre vamos por uma e vimos por outra; amo a diversidade. Como sempre, é uma hora em que ela não conta, daí que vemos as coisas tal qual. Estava ao lume a panela do caldo que sobrara do jantar e ia fazer a ceia. Tirei o testo. Peço uma colher. Mastigo. A viúva explica: «É um caldinho muito bom»; e com toda a simplicidade conta de uma doença que teve e vai buscar caixas e frascos de remédios: «Olhe eu nem acabei isto!» Tal como os ricos, também os pobres deixam em meio as receitas.

Voltemos ao caldinho, por ser remédio que todos nós compreendemos e de que muito gostamos. Estava ali a panela sobre as cinzas da lareira. Segundo ouvi, o caldo tinha levado um bocadinho de carne de adubar e azeite. A viúva explica aquele luxo: «É por causa da minha doença».

A seguir, quer que eu cheire. Eu já tinha provado, mas ela deseja que eu use outros sentidos: «Que cheire». Depois, indica outra preciosidade do caldo: arroz. A viúva também lhe tinha posto um nadinha de arroz.

Dali passamos ao sobrado. Chega da fonte uma sua filha trazendo na mão um cântaro de água. Debaixo da cama há uma rima de batatas, tiradas ontem da terra: «São da nossa horta». Enquanto falávamos, ela vai a uma caixa, abre o escaninho e tira maços de cartas. Vê-se nelas o timbre da Obra da Rua. Dentro de cada uma há uma folha de papel, do nosso papel, aonde o rapaz encarregado escreve e assina quando faz a remessa mensal. Eu vi. Eu li. Mais persistência. O rapaz não se descuida nem se enfada. Todas e cada uma das cartas começam assim: «Com os nossos cumprimentos». A viúva torna a meter na caixa aquele maço de cartas. Não se trata de papéis. Cada uma foi uma mensageira. Conservam o perfume daquela hora.

E tudo isto se faz com cinquenta escudos por mês. Tanta abundância! Tanta alegria! Tanta vida!

Temos outras viúvas que se remedeiam com a mesma sorte, algumas delas ocupantes do Património dos Pobres. Não sei de capital que mais renda. Aqui se aprende e observa o milagre da multiplicação. Por mais que isto confunda as leis da economia, a verdade é que estes pequeninos auxílios causam a suficiência de um lar — e são a verdadeira riqueza da Obra da Rua.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1.ª ed., 1986, pg 346-348



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 8550

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

BENGUELA – VINDE VER!

Ano Novo

NA celebração vespertina da Eucaristia da Solemnidade de Santa Maria Mãe de Deus e por sinal dia Mundial da Paz recebemos a Bênção e a protecção de Deus para todos os dias do ano novo de 2025. Assim, entramos para um novo ano com grandes expectativas. Queremos continuar a ser uma grande família para os filhos sem família. E no seio dela o sonho da construção da fraternidade. Trabalhar muito e colaborar para o crescimento e progresso familiar e também e acima de tudo cuidarmo-nos mais uns dos outros. E dedicar tempo e esforços redobrados para os assuntos da nossa Casa familiar. O Gaiato é a nossa Casa. É a nossa família. Da memória recente do ano velho ficaram os sentimentos de gratidão a Deus e aos homens e mulheres de boa vontade — os nossos benfeitores de longe e de perto, conhecidos e não conhecidos, com o respeito merecido aos que preferem que os seus gestos de generosidade permaneçam no anonimato. Foi um ano com grandes sinais da presença providencial de Deus. Neste ano queremos continuar a confiar nos momentos de maré alta e tempestades, e esperar quando tudo parecer insustentável. Deus é Bom. Em

todos os anos nos tem sido favorável.

Para uma família grande que somos, os desafios a transpor são também de enorme dimensão. A sociedade é dinâmica e a imprevisibilidade é uma certeza na lógica do desenrolar dos fenómenos sociais. A instabilidade da economia nacional que afecta as famílias directamente sobretudo na subida e intermitência dos preços dos produtos da cesta básica e outros serviços de educação escolar e assistência de saúde. Impostos e habitação são outros grandes desafios sempre expostos à boca da instabilidade do ponto de vista da convivência saudável que todos almejamos para este novo ano civil. Que as portas para a promoção e integração das pessoas mais necessitadas se abram para garantia da justiça e equidade.

Que não falte pão e amor no seio de todos as famílias do

mundo inteiro, e como “peregrinos da esperança”, caminhemos para congregar os irmãos na mais elevada edificação da tão desejada fraternidade universal, como garantia de uma verdadeira paz e estabilidade social.

Um grupo de rapazes como é costume em nossa Casa, tiveram a oportunidade de estar na passagem de ano com alguns parentes seus. O Natal é sempre cá em Casa, na passagem de ano é permitido passar junto dos familiares desde que estes venham buscar e trazer o rapaz em data conhecida. O Lino e o Miguel foram os primeiros a chegar. Já foram vistos pelo «Cassinda», que me veio dar as notícias do dia. Eles já vieram. Disse aquele que não foi. A conclusão é de Pai Américo «também houve pão leve para os “bata-tas”, e mais alguns. Remediamos a todos com o que temos e todos ficam contentes». Bom Ano para todos!

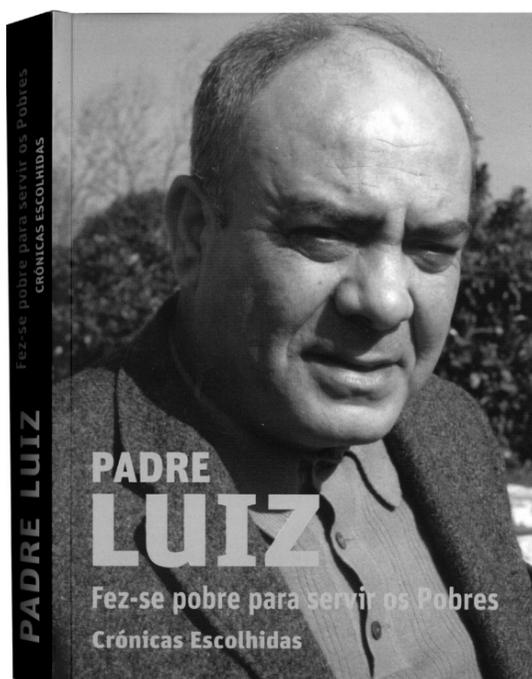
Padre Quim

PENSAMENTO

O mundo, o nosso mundo, não tem por limites os muros da quinta. Estende-se às praias, às igrejas, às *furnas*, aos sanatórios e até às cadeias. Os pequenos Gaiatos que povoam as nossas Casas são apenas um dos ramos duma grande árvore — a Caridade. Mas esta árvore tem raiz, tem tronco, ramos, espinhos e flores. Interessa-nos a árvore toda. Aqui vai aparecendo de tudo. Somente escondemos os espinhos para que nenhum dos leitores neles se fira.

PAI AMÉRICO, *O Barredo*, 1974, p 167.

OS NOSSOS LIVROS



«É um trabalho que resulta, no essencial, da compilação das crónicas publicadas no Jornal O GAIATO, na coluna “Aqui Lisboa”, entre 1963 e 1990. Há nele uma linha condutora que perpassa constantemente pelos seus textos — a **denúncia e combate à injustiça!** Foi sempre um homem incomodado com o excesso de palavras e discursos inconsequentes.

[...] Ainda em Coimbra, na sua juventude, toma conhecimento e acompanha o Padre Américo que está no início da sua vida sacerdotal. É tocado pelas suas pregações públicas a que teve oportunidade de assistir e continuará a acompanhar à distância.

Ficou contagiado pela sua doutrina e o exemplo concreto da sua vivência.

[...] A sua vocação não é tardia; é amadurecida e no tempo certo. O chamamento de Deus que sentiu para se pôr ao seu serviço numa Obra desta natureza foi determinado, é ele que o confessa, pelas duas circunstâncias referidas acima. A sua convicção é servir a Deus de modo concreto através dos mais fracos. Foi assim que a Obra da Rua ganhou mais um “*trabalhador para a sua vinha*”. E nós, os que beneficiámos do seu vincado espírito de serviço, da sua entrega à causa dos mais fracos, dos filhos abandonados, dos órfãos com pai e mãe, regozijamo-nos com esta homenagem.

[...] Fomos testemunhas do seu zelo, como efetivo pai de família, para suprir todas as necessidades da Casa. Garantir 4 refeições ao dia, o vestir e calçar, a formação escolar e profissional. Batia à porta dos ministérios e outras entidades. Acorria às paróquias de Lisboa em peditório a par de homilias emotivas. Tinha uma legião de Amigos que, sendo seus eram nossos... Com estes houve constantes *milagres da multiplicação dos pães!*

Defensor intransigente dos que tinha a seu cargo, procurou tornar cada Rapaz agente da sua própria regeneração e dos outros irmãos. Buscou cumprir a divisa maior da Obra — fazer de cada Rapaz um **HOMEM**. E fez.

Caríssimo(a) leitor(a) certamente encontrará neste livro assuntos e situações que continuam, infelizmente, atuais. Terá a perspectiva do Sr. Padre Luiz e o convite para, seguindo o exemplo da sua ação e entrega, agir na sociedade em que estamos inseridos, na medida das capacidades de cada um.» Do Prefácio/Introdução de Jorge Cruz.

Os pedidos podem ser feitos para: Largo da Casa do Gaiato, 94, 4560-378 Paço de Sousa, pelo telefone 255 752 285, por e-mail: geral@obradarua.pt ou directamente no nosso site www.obradarua.pt

MALANJE

COLHEMOS o novo ano com uma mochila de desejos por realizar em 2024. Na Casa de Setúbal terminámos o ano com um grupo de cerca de 8 Rapazes, os restantes foram passar o ano com as suas famílias.

Após o jantar, o padre dirigiu algumas palavras aos “gaiatos” centrando-se no futuro da Casa do Gaiato de Setúbal e lembrou a todos que temos um projecto, uma missão e uma responsabilidade muito importante que é sermos os continuadores desta Casa do Gaiato. Que no novo cenário em que nos encontramos e que tem passado por muitas situações, é urgente que os gaiatos sejam os protagonistas deste projecto que está prestes a nascer; o CAR. Temos que tentar dar a volta à situação e fazer com que dois princípios básicos como o sentido de família e o autogoverno continuem a manter-se nesta nova forma de Obra. Peçamos ao bom Deus que tome a dianteira e nos faça descobrir os passos a dar.

A Obra tem em vista Angola como o único sítio onde é possível continuar com as Casas do Gaiato. Sabemos muito bem que não se pode improvisar, que é necessário planear, organizar e envolver muita gente para ver nascer mais uma filha em Angola. É preciso que os Padres e os Gaiatos comecem, no estilo mais genuíno da Obra. Rezemos e pensemos que o Espírito Santo e Maria nos ajudam e protegem.

O Calvário já iniciou o seu percurso nesta nova etapa. São muitos os desafios que tem pela frente. Mas já no horizonte sonhamos com um Calvário em Angola e com instalações adequadas para tantas crianças com deficiências físicas e mentais que são descartadas da sociedade e até da vida. Não nos fechemos em casa, mas abramos as portas em 2025.

Padre Rafael

SINAIS

NÃO esqueça que é dia de escrever para O Gaiato... — falou para mim o sr. dr. Abel.

— Meu Menino Jesus — levanta-Te do bercinho e vem ajudar-me...

Então pensei: «Se eu fosse capaz de dar um pedacinho de alegria aos nossos amigos leitores — seria maravilhoso!»

Estou — tento...

Desejo para todos um ano de maravilha, muita alegria, muita paz... Todo o bem! Um sorriso de Jesus e Sua presença nas nossas vidas... Para todos nós a Sua presença amorosa! Maravilha de presença! Ele está com todos nós.

Agarremos a certeza desta presença maravilhosa... Ele é o nosso amigo — de todos.

Obrigado, Jesus... Não Te distraias.

Ele sabe e sente o que nós precisamos...

Em todas as horas do novo ano — a Sua presença amorosa. Obrigado, Senhor!

Padre Telmo

Página da OBRA DA RUA na internet

O GAIATO digital - Todas as Edições



O GAIATO áudio - Todas as Edições



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus três formatos:
 - Edição digital
 - Edição áudio
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa.